

MICROSCÓPIO

POR ISTO MESMO...

Raul Pilla

“O ESTADO DE S. PAULO”, Órgão dos mais autorizados da imprensa brasileira, alarmando-se com a notícia da representação da Emenda Parlamentarista, publicou, há uma semana, tremendo artigo contra os reformadores. Impossível me é comentá-lo de uma só vez, a não ser que transformasse esta minha ligeira nota num massudo artigo de várias colunas. O antidoto (pois se trata de terrível tóxico neurotrópico) o antidoto, será, assim, ministrado em doses fracionadas.

A primeira objeção do articulista é faltar aos adeptos do regime parlamentar, entre nós, o senso da oportunidade. «Numa hora que se distingue pela profunda desorientação de espíritos e pela invencível confusão política — diz êle — não sabemos de nenhuma providência tão adequada a barburdiar ainda mais a situação».

E' invencível a confusão política — reconhece o articulista — e profunda a desorientação de espíritos. E poderia ter carregado muito mais nas côres do quadro, que ainda ficaria longe da realidade: já não é confusão, é decomposição o que se está verificando no País.

Ora, pode o jornalista explicar como melhor lhe pareça, ou convenha, o alarmante fenómeno. Mas, para nós, parlamentaristas, a causa principal, a causa eficiente, como se diz em Patologia Geral, da decomposição nacional, é a irresponsabilidade política característica do sistema presidencial. Proclamada a República, isto é, edotado êste sistema de governo, de queda em queda chegamos ao deplorável estado, que ninguém nega e a todos alarma. E, se agora ainda os melhores espíritos estão desorientados e confusos, é que ninguém vê como se possa debelar a gravíssima crise com o vigente sistema político.

Assim sendo, são lógicos e coerentes os parlamentaristas, propondo nesta oportunidade, a sua reforma. Para êles, é êste o único meio de salvar o País. Deixar de utilizá-lo por motivos que sòmente seriam de oportunismo, não de oportunidade, equivaleria a trair o próprio dever para com a pátria: dever pelo menos tão imperioso, quanto o que supõe estar cumprindo o grande jornal paulista, ao impugnar a reforma.

Nem se trata sòmente de parlamentaristas, isto é, de pessoas plenamente convencidas da excelência do sistema preconizado. A seu lado se encontram numerosas outras que, não tendo dúvidas a respeito da falência do presidencialismo no Brasil, entendem seja dever de todos fazer alguma coisa por salvar o País. Será o parlamentarismo o remédio adequado? Não têm certeza; sabem apenas que deixar de tentá-lo seria tão criminoso quanto abandonar o enfermo na sua agonia. Para estas, pois, também não vale o argumento de oportunidade, com que o prestigioso jornal pretende preservar isso que aí está. A oportunidade, a última oportunidade, é esta: ninguém medica um morto.